

# Variação sintática em Portugal e no Brasil: Orações Relativas

Vilma Reche Corrêa  
Universidade de Brasília – UnB

Com o intuito de dar às relativas do português uma descrição única, este trabalho pretende mostrar que os falantes do português do Brasil (PB) e do português europeu (PE) utilizam as mesmas estratégias de relativização, embora o façam com diferente distribuição.

## 1. No Português do Brasil

No PB há uma estratégia de relativização usada na escrita e em situações de formalidade, em que aparece um pronome relativo preposicionado e com formas variadas, como em (1):

- (1) a. As informações às quais ele tinha acesso...
- b. O menino cujo pai viajava muito...
- c. A foto de que eles gostaram mais...

e outra usada na oralidade e em situações informais, como nas frases correspondentes abaixo, com as variantes *cortadora* (a.) e *com pronome lembrete* (b.):

- (2) a. As informações que ele tinha acesso...
- b. As informações que ele tinha acesso a elas...
- (3) a. O menino que o pai viajava muito...
- b. O menino que o pai dele viajava muito...
- (4) a. A foto que eles gostaram mais...
- b. A foto que eles gostaram mais delas...

As relativas de sujeito e de objeto direto, respectivamente em *a* e *b.*, têm o mesmo *output* fonético da estratégia não-padrão *cortadora*, em que se relativiza um termo em função oblíqua com o pronome relativo que, sem preposição. Elas também podem apresentar uma forma não-padrão, com pronome lembrete, como nas frases correspondentes *a'* e *b'*:

- (5) a. O menino **que** esteve aqui  
 a'. O menino **que ele** esteve aqui..  
 b. O menino **que** eu vi ontem  
 b'. O menino **que eu vi ele** ontem...

No falar cotidiano, a preposição praticamente não aparece nas relativas tanto que Tarallo (1983) aponta, para a classe trabalhadora, dois tipos de relativas: cortadora e com pronome lembrete. Seus dados diacrônicos mostram como a relativização padrão foi em grande parte substituída pela cortadora, na fala brasileira, o que não aconteceu na escrita: no ensino formal rotulam-se essas estruturas da língua oral como erro gramatical.

Corrêa (1998), que analisou o fator escolaridade no emprego das relativas, constatou que a relativa preposicionada é mantida pela escola. Os escolares do ensino fundamental mal se apercebem da existência da variante padrão. Tanto nos dados orais como nos escritos desse estudo, os informantes não-escolarizados e os alunos da 1.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup> série produziram quase que exclusivamente relativas cortadoras. Os adultos cultos, por outro lado, somente construíram relativas do tipo padrão, nos casos de sintagmas preposicionais. Corrêa atribui essa ocorrência categórica ao fato de quase todos eles serem professores, numa menção ao trabalho de Sankoff & Laberge (1978), o qual comprova a influência da profissão do falante, mais do que a da classe social, no tipo de dialeto que usa.

No experimento com alunos do ensino médio, esse mesmo estudo verificou que é no final desse nível de escolaridade que os alunos adquirem a relativa preposicionada, embora ainda não de forma completa. O emprego do programa de regras variáveis GoldVarb (Rand & Sankoff, 1990), verificou que os alunos da série final do ensino médio têm .88 de probabilidade de usar a preposição contra apenas .42 de probabilidade dos alunos das séries iniciais.

Para demonstrar o processo de conscientização que acompanha o aprendizado da relativa no PB, no ensino médio, observe-se o comportamento do aluno que produziu a ocorrência (6).

- (6) ... o outro (rapaz) **para que** olhava [...] era muito bonito (1.<sup>a</sup> série do ensino médio)

O aluno redigiu sua relativa em duas etapas: primeiro criou uma relativa vernacular: (“o outro **que** olhava [...] era muito bonito”) e depois acrescentou a preposição **para**, que ficou postisa acima da frase, no espaço entre “o outro” e “que”. Deu-se por satisfeito com o resultado, deixando como pronome relativo apenas o **que**, quando deveria, pela norma padrão, ter usado **quem**.

Os dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta), desse estudo, mostram que a relativa padrão ainda está vivamente presente na fala dos informantes de nível universitário, mas não como se poderia esperar depois de tantos anos de escolari-

dade: em aproximadamente 30% das ocorrências em que se poderia esperar a preposição ou um “cujo”, apareceu a relativa cortadora. Quanto à estratégia com pronome lembrete, está praticamente ausente desses dados.

Numa amostra em jornais e revistas, a estratégia vernacular não aparece nas CARTAS AOS LEITORES, mas, nas NOTÍCIAS de alguns jornais, como em (7),

- (7) Confidenciava ter uma caixinha guardada em um banco, com objetos e documentos, *que o amigo só poderia ter acesso depois de sua morte.*  
Correio Braziliense, 8/9/2000, p. 8

e nas ENTREVISTAS, como em (8),

- (8) Uma licitação *que, três meses antes da abertura das propostas, toda a cidade conhece o seu resultado* precisa ser questionada.  
Correio Braziliense, 26/8/2000, p. 15.

já é possível encontrar ocorrências dessa construção sintática.

Nos ANÚNCIOS, em revistas da mesma amostra, o número de relativas não-padrão aumentou bastante: em 14 ocorrências de relativas de função oblíqua, 6 foram do tipo padrão (43%), menos da metade, portanto.

As 8 relativas vernaculares (7 cortadoras ou 1 com pronome possessivo) (57%) estão em (9).

- (9) (a) ...para você comprar o presente *que o seu filho está sonhando* e pedindo.  
(b) ... gravar seus CDs com as músicas *que você mais gosta.*  
(c) ... na quantidade exata de energia *que eles precisam.*  
(d) ... seus cabelos vão ter a força *que precisam* para brilhar.  
(e) Auto Unibanco é o seguro *que você paga menos de acordo com o seu perfil.*  
(f) E naquele volume *que você gosta.*  
(g) Sem a ajuda *que os outros sabões em pó precisam.*  
(h) O único produto *que os diferenciais aparecem na sua embalagem.*

No PB, pode-se dizer que a relativa preposicionada só é usada em situações especiais, de alta formalidade, ou em ocasiões em que o falante monitora seu uso: quando escreve, quando quer demonstrar que usa a língua de prestígio. As estratégias vernaculares estão firmemente instaladas na fala dos brasileiros, principalmente a cortadora.

## 2. No Português Europeu

Essas mesmas estratégias aparecem no PE. Peres & Mória (1995) colocam as relativas como uma das “áreas críticas” da língua portuguesa. Eles consideram a possibilidade de o “movimento relativo” se completar (1) com a posição ligada pelo pronome relativo preenchida por um constituinte contendo um elemento pronominal (relativa com pronome lembrete), como nas frases (a), ou (2) com essa posição não preenchida por um elemento realizado foneticamente (relativa padrão), como nas frases (b)<sup>1</sup>:

- (10) a. A rapariga **que te falei ontem nela** arranhou um emprego na Covilhã.  
 b. A rapariga **de quem te falei ontem** arranhou um emprego na Covilhã.  
 (993)
- (11) a. O general é o único político **que a sua candidatura é praticamente certa**.  
 b. O general é o único político **cuja candidatura é praticamente certa**.  
 (995)

Os autores reconhecem que as frases *a.* atingem um alto grau de frequência na linguagem oral dos dias atuais, mesmo nos estratos mais escolarizados, fato que tem sido reconhecido até por vários gramáticos do passado recente, que encontraram esse tipo de construção em grandes escritores de outras épocas, como é o caso do exemplo abaixo, encontrado em Bernardim Ribeiro (em *Menina e Moça...*, cap. II, p. 16, ed. de José Pessanha, Porto, 1891).

- (12) “(...) corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano, **que, nas noites caladas, o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom (...)**”.(1002)

Os autores atribuem o uso desses tipos de estratégia de relativização (relativa de pronome lembrete), bastante frequente e generalizada no discurso oral, à tendência – que consideram há muito instalada no PB e que agora influenciam o PE – para neutralizar o pronome relativo e deixar vazia a posição por ele ligada (relativa cortadora), estratégia que está progressivamente ganhando terreno no PE, como abaixo (grifos nossos).

- (13) ? A rapariga **que te falei ontem** arranhou um emprego na Covilhã. (1003)  
 (14) ? O general é o único político **que a candidatura é praticamente certa**.  
 (1005)

<sup>1</sup> No final, consta o número do exemplo, conforme original em Peres & Mória.

Os autores encontraram o que chamam de “supressão de preposição” mesmo na imprensa escrita, como nos exemplos abaixo.

- (15) “Os temas que os portugueses gostam (neo-realismo, politiquices, maledicências, pornografias) não quadram nos finos *couchés* cor-de-rosa de uma euro-revista assim.”

C229 *O Jornal Ilustrado*, 31/03/1989, p. 35

- (16) “Foram momentos embaraçosos que o próprio Noriega acabou por pôr fim, entregando-se às autoridades norte-americanas (...).” (grifo nosso)

C234 *Diário de Lisboa, A Mosca*, 05/01/1990. p. 2

Com esses estudos de ambos os países, o que se pode observar é que, na imprensa escrita, ao lado da relativa preposicionada, as estratégias equivalentes da oralidade já se fazem presentes em algumas secções, que poderíamos chamar de “mais populares”. No PB, a mais comum é a cortadora, sendo inexpressiva a presença do pronome lembrete, que, no PE, é a mais freqüente entre as formas variantes. Essa distribuição complementar pode ser o reflexo do que deve estar ocorrendo na fala atual dos dois países: no Brasil, a relativa padrão sofre a concorrência da estratégia cortadora, situação já estabelecida e comprovada por estudos de metodologia variacionista; em Portugal, parece estar sofrendo a concorrência da estratégia com pronome lembrete, mas essa tendência é recente e a hipótese carece ainda de confirmação.

### 3. Português Europeu e Português do Brasil: desvios da estratégia padrão

Em ambos os países, os falantes apresentam desvios, usando preposições indevidamente, o relativo *onde* não associado ao valor [+ Locativo], o relativo QUE por QUEM com valor [+ Humano], o relativo CUJO seguido de artigo, duplos relativos (já existentes no português arcaico), como nos casos abaixo, extraídos de Peres & Mória, 1995 (PE) e Corrêa, 1998 (PB).

#### • Uso indevido de preposição

PE – “Quando os bárbaros chegaram, em 409, não se lhes deparou um Estado. Irromperam por entre um mosaico de povos, ao qual os Visigodos quiseram, por sua vez, unificar.” C248 *Diário Popular*, 17/07/1986, p. 14

PB – “...tomando como ponto de referência aquele plano da qual nós vimos antes: a traquéia” (Projeto NURC)

#### • Uso inadequado de *onde*, não associado ao valor [+ Locativo]

PE – “Barreto seguiu para o PS onde participou no I Governo Constitucional, substituindo Lopes Cardoso na pasta da Agricultura.” C257 *O Jornal*, 28/02/1986, p. 12

PB – Isso foi no período onde ela fazia faculdade.

• **QUE por QUEM com valor [+ Humano]**

PE – “Maurice Chevalier, de que hoje ocorre o centenário do seu nascimento” (LEGENDA) C285 *Diário Popular*, 12/09/1988, p. 30

PB – “A garota, apesar de ter vários amigos com que conversava,...”(3.ª série do ensino médio)

• **CUJO seguido de artigo**

PE – “A intoxicação, cujo o motivo se desconhece (...), atingiu adultos e crianças que participaram numa festa de baptizado realizada no último Domingo, na freguesia de Meirinhas, concelho de Pombal.” C291 *Público*, 26/06/1991, p. 49

PB – “Xadrez é um jogo cujas as regras nunca pude aprender.”

• **Duplos relativos**

PE – “A situação não evoluiu desde a realização, há alguns anos, de um inquérito aos alunos recém-chegados às Faculdades de Letras do País (...) e que cujos resultados revelaram uma ignorância confrangedora por parte dos inquiridos.” (grifo nosso) C348 *Diário de Notícias*, 21/04/1991, p.

PB – Eram esses os assuntos que o quais estavam sendo tratados lá.

O emprego das mesmas estratégias variantes de relativização e dos mesmos desvios da norma padrão reforça a hipótese de que os falantes de Portugal e do Brasil utilizam o mesmo sistema lingüístico.

#### 4. Propostas de análise

Entre os estudiosos que se preocuparam com uma maior formalização no estudo das estratégias de relativização do português, inclusive as da oralidade, destaca-se Tarallo (1983). Desse estudo interessam-nos particularmente as descobertas diacrônicas, que levaram a uma explicação sobre a origem da variante cortadora, analisada como “o resultado de uma drástica mudança no sistema pronominal que começou no século XIX, segundo a qual os pronomes começaram a ser apagados nas orações principais, das posições mais altas até as mais baixas da escala sintática, movendo-se para as relativas e outras subordinadas” (op. cit., p. 7, tradução nossa). Nessa época, o clítico deu lugar à anáfora nula.

Segundo esse lingüista – que investigou um *corpus* com cartas e peças de teatro, a partir da primeira metade do século XVIII –, no início do século XIX, duas variantes não-padrão começam a competir para substituir a relativa padrão. No final do século XIX, o apagamento de sintagmas preposicionais, que antes não era permitido, passou a ser a principal alternativa de relativização. Esse apagamento ocorreu, segundo ele, em duas etapas, em que primeiro o objeto pronominal da preposição é apagado e depois a própria preposição, para evitar a violação da restrição contra as preposições órfãs. A estratégia com pronome lembrete, no entanto, mantém-se em baixa, mas constante, percentagem.

Tarallo afirma ainda que as análises sobre as quais se apoiou (Mollica, 1977; Lemle, 1978; Kato, 1981; Souza e Silva, 1981; Bouchard, 1982a) mostraram que os dois sistemas de relativização em competição podem ser diferenciados em termos de processo de derivação, de tal forma que, se o movimento da palavra Q- não se aplica para a derivação das relativas, uma relativa não-padrão aparece.

Considerando que não há apagamento de pronome relativo no PB, a partícula introdutória das variantes não-padrão (que) é analisada como complementizador [-Wh], com o resumptivo (ou sua correspondente categoria vazia) e o antecedente partilhando o mesmo índice. Para ele, que descreve a relativa com o que gerado na base em Comp, não há movimento de relativização, e a partícula introdutora da relativa não partilha o índice referencial com o antecedente e o resumptivo.

Tarallo aponta também, em suas conclusões, que não só no PB, mas no francês e em outras línguas em que as construções de tópico são produtivas, as variantes com pronome lembrete e sem preposição são correntes. Não tinha, entretanto, como objetivo, nesse momento, aprofundar as relações entre topicalização e relativização, o que foi feito posteriormente por M. Kato.

Para Cohen (1986/89) houve dificuldades para a classificação desse que, encontrando ela problemas para a análise da partícula como complementizador e também para a análise como relativo. Diante das dificuldades, a autora busca na diacronia uma possível explicação e descobre que o que complementizador resultou da convergência de QUOD/QUID, que subordinava sentenças no subjuntivo, e QUI(A), que subordinava sentenças no indicativo. Quanto ao pronome relativo que, resulta de uma evolução por fases de dois paradigmas do latim, o dos relativos e o dos interrogativos, muito semelhantes entre si. As formas de nominativo neutro QUI(D)/QUOD e de acusativo átono QUE(M) se neutralizaram, resultando no que, uma partícula que perdeu as flexões de Caso, Gênero e Número. Já no Romance Antigo foram encontrados exemplos de relativas com pronome resumptivo, como o exemplo abaixo em que a partícula introdutora é certamente o pronome relativo ainda na forma QUEM, acusativa:

- (17) "Homem QUEM ego beneficium EL feci"  
'O homem QUE eu fiz um favor A ELE' (Cohen, op.cit., p.130)

Embora ressaltando as diferentes análises, todas com problemas, para as cláusulas relativas, Cohen sugere uma regra de movimento para todos os casos de relativização em português. Para ela, assim como para Tarallo, a relativa cortadora se dá por apagamento do resumptivo. A diferença entre ambos está na forma como a relativização se processa. Para Tarallo, sem movimento, isto é, com complementizador, e relativização resumptiva com pronome nulo; para Cohen, com movimento da palavra Q-, isto é, com pronome relativo.

Veremos adiante como, apesar da ampla aceitação da análise da partícula relativizadora como complementizador, inclusive nos conhecidos estudos sobre o francês (Guiraud 1966), o francês de Montreal (Lefebvre e Fournier 1978; Bouchard

1982a), que têm as mesmas estratégias de relativização, e também os estudos já citados, que não apresentaram uma representação sintática para o fenômeno, há pontos de vista diferentes, como o de Cohen. Mesmo Bouchard (1982b) propõe uma análise alternativa para a relativa resumptiva, considerando a partícula introdutória um “matchmaker”, em oposição aos pronomes interrogativos, por exemplo, que não têm um antecedente. O que induz estes estudiosos a classificá-lo como pronome, apesar de o *output* fonético desse que ser idêntico ao do complementizador, é a carga semântica referencial existente nesse vocábulo.

Kato (1993) procura eliminar os problemas de análises anteriores e propõe uma análise alternativa, mantendo o tradicional estatuto de pronome relativo para a partícula e associando a ocorrência das estratégias não-padrão com o fato de a língua ter proeminência de tópico, como o japonês<sup>2</sup>.

Seguindo Pontes (1987), ela considera o PB uma língua com proeminência tanto de tópico como de sujeito. Isso significa que as sentenças básicas incluem a posição adjacente de tópico, além das argumentais, como demonstrado no exemplo de nossa amostra do NURC, abaixo:

(18) [Top Umas pessoas<sub>i</sub>, [IP a gente tem mais intimidade (ø)/com elas<sub>i</sub>] ]

A inclusão do tópico na estrutura sentencial fornece mais uma posição a ser relativizada já que para o processo de relativização não há restrição de função. Para a autora esse fato torna-se de fundamental importância, porque ela afirma que, no português falado, a relativização se dá sempre a partir dessa posição.

O termo comumente conhecido como tópico discursivo – **Top**, na estrutura (18) – é um recurso bastante produtivo no português falado no Brasil. Lembramos aqui, em favor de nossa tese, que as construções de tópico marcado também existem no PE, como no exemplo abaixo, de Peres & Mória.

(19) a. O incêndio, os bombeiros controlaram-no.  
b. Controlaram o incêndio, os bombeiros.

O elemento em Top, à margem da sentença, em adjunção corresponde aqui à construção de Deslocamento à Esquerda (LD), que Ross (1967) distinguiu de outra construção semelhante, chamada por ele de topicalização, respectivamente representadas abaixo por (a) e (b), em exemplos de Ross em:

<sup>2</sup> a) Tópico

Jun-wa      konakatta  
O João,      não veio.

b) Sujeito:

(i) Jun-ga      konakatta.  
    João      não veio.  
(ii) kuruma-wa,      taya-ga      pankushita.  
    O carro,      o pneu      furou.



- (20) a. (As for) John<sub>i</sub>, I saw him<sub>i</sub> yesterday.  
 b. Beans<sub>i</sub> I don't like  $\phi_i$ .

A construção em LD é analisada como uma adjunção na base e tem um resumptivo dentro de IP, enquanto a topicalização resulta de movimento e se identifica por uma lacuna (Chomsky, 1977). São, portanto, fenômenos diferentes, mas, para Pontes (1987), que é o ponto de partida da análise de Kato, a distinção entre essas duas construções nem sempre é possível no PB, devido à ocorrência de resumptivos nulos nos casos de LD. Pontes mostra com seus dados a alta incidência de construções de LD em que o pronome lembrete ora aparece, como em (21.a), ora é nulo, como em (21b-d):

- (21) a. *Esse buraco<sub>i</sub> taparam ele<sub>i</sub> outro dia*  
 b. *Essa cerveja<sub>i</sub> eu não gosto  $\phi_i$*   
 c. *O seu regime<sub>i</sub> entra muito laticínio  $\phi_i$*   
 d. *As cadeiras optativas<sub>i</sub>, cê precisa ter um conhecimento  $\phi_i$  bom antes.*  
 (Kato, 1993, p.230)

Observando essas construções de LD, Kato considera que inequivocamente são esses os termos relativizados nas relativas abaixo:

- (22) a. *O buraco que taparam ele outro dia...*  
 b. *A cerveja que eu não gosto...*  
 c. *O regime que entra muito laticínio...*  
 d. *As cadeiras optativas que cê precisa ter um conhecimento bom antes.*

O resumptivo mantém uma relação de correferência com um deslocado, seu antecedente natural. Na língua vernacular é sempre esse o NP relativizado. Assim, a sentença com o terceiro tipo de resumptivo descrito por Contreras (1990), com Deslocamento à Esquerda, será sempre a sentença básica.

- (23) *Ese libro, me pregunto quién lo<sub>i</sub> escribió pro<sub>i</sub>.*  
 "That book, I wonder who wrote it."

O termo deslocado se relativiza, deixando em seu lugar uma variável, um vestígio.

Esse termo mantém com uma posição interna da relativa e com a cabeça da relativa uma relação de correferência. A posição interna, com o mesmo índice do termo deslocado e, portanto, do pronome relativo e da cabeça da relativa, é um termo deslocado e, portanto, do pronome relativo e da cabeça da relativa, é um autêntico pronome, nulo ou lexical, e pode estar subjacente ou não ao seu ligador, a variável deixada pelo termo relativizado.

Para Kato, a diferença entre oração relativa padrão e não-padrão é uma questão de estratégia do lugar de extração, com o vernáculo sempre extraindo da posição de Top e a língua culta extraindo dos vários termos de dentro da oração, como se demonstra em (24.a.b.).

(24)

(a) não-padrão:

...pessoas<sub>i</sub> [CP que<sub>i</sub> [Top (t)<sub>i</sub> [IP a gente tem mais intimidade (ø)/com elas<sub>i</sub>]]  
 ↑ (véstígio) (pr. lembrete)

(b) padrão:

...pessoas<sub>i</sub> [CP com quem<sub>i</sub> [IP a gente tem mais intimidade (t)<sub>i</sub> ] ]  
 ↑ (véstígio)

Em (a), o termo relativizado controla um resumptivo (lexical ou nulo) dentro do IP, que neste exemplo se encontra em função de complemento nominal; em (b), a variável deixada pelo movimento do termo relativizado (complemento nominal) está dentro de IP e nada pode ocupar essa posição agora vazia. A categoria vazia em (a) resulta de uma elipse.

Como a posição relativizada, nas estratégias vernaculares, é sempre um tópico sem cabeça, fica explicado por que o pronome relativo é sempre que, sem preposição, forma avançada do acusativo, atribuído por um núcleo que poderia ser nulo. Esse núcleo, que teria a mesma função de sobre, quanto a, também lhe daria papel-theta, um tipo de papel *default*, com a função que essas preposições têm em comum.

A análise de Kato (1993) consegue resgatar o estatuto da partícula que, introdutora da relativa não-padrão como pronome relativo, mantendo, portanto, sua relação de correferência com o antecedente; explica por que esse tipo de relativa tem sempre o mesmo pronome relativo (que); e consegue dar uma explicação global para os diferentes tipos de relativa dentro da mesma gramática nuclear.

É uma solução mais econômica, pelo movimento mais curto, e também mais simples e fica explicada a presença, ou a possível presença, do resumptivo lexical em todas as posições relativizadas e sem restrição de subjacência, além do fato de o relativo ser sempre o mesmo.

## Conclusão

Pelo que se observou nos exemplos de falantes de Portugal e do Brasil, no tocante às relativas, conclui-se que o PE e o PB, por apresentarem as mesmas variantes, embora de formas diferentes, e até os mesmos “desvios”, devem pertencer a um único sistema lingüístico.

As diferentes estratégias de relativização explicam-se pelos diferentes locais de extração do termo relativizado: da posição de LD (cortadora e com pronome lembrete) ou de dentro da oração relativa (padrão).

A variante com pronome lembrete, já antiga na língua, é empregada, no Brasil, nos estratos sociais de menor escolaridade, enquanto em Portugal se usa até em jornais.

A relativa cortadora é de uso generalizado no PB. Praticamente a única estratégia para crianças e não-escolarizados, tem alta aceitabilidade entre os falantes de nível universitário na fala, sendo usada até em registros formais orais. Em Portugal, está-se instalando, ao que parece, por influência do PB, mas ainda tem pouca aceitabilidade.

Quanto à variante preposicionada, pode-se dizer que é a estratégia usual do PE, enquanto no PB é usada em situações formais e deve ser ensinada nas escolas, onde é considerada como estratégia de prestígio.

### Referências bibliográficas

- Bouchard, D. (1982a) Les constructions relatives en français vernaculaire et en français standard: étude d'un parametre. In C. Lefebvre (ed.), *Langues et sociétés. La syntaxe comparé du français standard et populaire: approches formelle et fonctionelle*.
- Bouchard, D. (1982b) An Alternative to WH-Movement in French Relative Clauses. In W.W. Cressy & D. J. Napoli (ed.), *Linguistic Symposium on Romance Languages: 9*.
- Chomsky, N. (1977) On Wh-Movement. In P. Culicover and T. Wason (eds), *Formal Syntax*. New York: Academic Press.
- Cohen, M.A. (1986/89) *Syntactic Change in Portuguese Relative Clauses and the Adjective in the Noun Phrase*. Unicamp, tese de doutorado.
- Contreras, H. (1990). On Resumptive pronouns. In H. Campos & F. Martinez-Gil (orgs), *Current Studies in Spanish Linguistics*. Washington: Georgetown University Press.
- Corrêa, V. R. *oração Relativa: o que se fala e o que se aprendeno Português do Brasil*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas.
- Guiraud, P. (1966). Le système du relatif en français populaire. In *Languages*, 3: 40-8.
- Kato, M. A. (1981). Orações relativas: variação universal e variação individual no português. In *Estudos lingüísticos*, V, pp.1-16.
- Kato, M. A. (1993). Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica". In I. Roberts & M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Lefebvre, C. & Fournier, R. (1978) Les relatives en français de Montréal. In *Syntaxe et sémantique du français*, *Cahier de Linguistic 8*. Montréal: Les Presses de l'Université du Québec, pp. 273-295.
- Lemle, M. (1978). Heterogeneidade Dialetal: um apelo à pesquisa. In *Lingüística e Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo.
- Mollica, M. C. (1977) *Estudo da Cópia nas construções relativas em português*. PUC-Rio de Janeiro, tese de mestrado.
- Peres, J. A. & Móia, T. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1995.

- Pontes, E. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes.
- Rand, D. & Sankoff, D. (1990) *GoldVarb. A variable rule application for the Macintosh*. Montreal, Canada: Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal.
- Ross, J.R. (1967). *Constraints on Variables in Syntax*. MIT, Ph..D. dissertation.
- Sankoff, D. & Laberge, S. (1978). The linguistic market and the statistical explanation of variability. In D. Sankoff (ed), *Linguistic variation: Models and Methods*. New York: Academic Press, pp.239-250.
- Souza e Silva, M.C.P. (1981). *Orações Relativas: dificuldades na produção escrita*. PUC-SP: dissertação de mestrado.
- Tarallo, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, Ph.D. dissertation.